

O Petrodólar e o Império

written by Rui Rodrigues | 7 de Janeiro, 2026

OCIDADÃO
Análises e Opiniões

OPINIÃO
Rui Rodrigues



Nas minhas últimas reflexões, puxei o véu sobre o “bunker jurídico” que as elites montaram e sobre a bolha financeira que ameaça rebentar agora, em 2026. Ora bem, se nesses textos me foquei na trincheira onde nós, o povo comum, nos tentamos salvaguardar, hoje sinto a imperiosa necessidade de subir em altitude uns degraus, para vos mostrar o tabuleiro global onde o nosso destino está realmente a ser jogado.

Devo começar referindo a ingenuidade verdadeiramente ignorante, na forma como o comentador especialista das redes sociais analisa o interesse obsessivo dos Estados Unidos na Venezuela ou no Médio Oriente. Repete-se, até à exaustão, que “eles querem é o petróleo”, ignorando um dado estatístico básico. Graças à revolução do fracking, os EUA são hoje os maiores produtores de petróleo do mundo. Se fosse apenas uma questão de abastecer as bombas de gasolina no Texas, Washington poderia ignorar Caracas.

Meus caros, a guerra nunca foi sobre a posse física da molécula de hidrocarboneto. A guerra sempre foi, e continua a ser, sobre a moeda em que essa molécula é faturada.

Para compreendermos o xadrez que agora se joga em 2026, temos de recuar à arquitetura que sustenta o poder americano. Quando Nixon, em 1971 através do “Nixon Shock”, cortou a ligação do dólar ao ouro, transformou o dólar em moeda fiduciária, baseada apenas na “confiança”. Para evitar que essa fé colapsasse, Henry Kissinger, Secretário de Estado dos Estados Unidos, orquestrou a mais brilhante manobra económica do século XX, o sistema do petrodólar.

O pacto era simples, a Arábia Saudita venderia petróleo exclusivamente em dólares e usaria os lucros excedentes para comprar Dívida Pública Americana. Em troca, os EUA garantiam que a Casa de Saud jamais cairia.

Percebam bem a genialidade disto, criou-se uma procura artificial e perpétua pela moeda americana.

Qualquer país que precisasse de energia, iria necessitar primeiro de comprar dólares. Isto permitiu aos EUA imprimir dinheiro sem gerar hiperinflação interna, exportando a sua inflação para o resto do mundo.

Nem tudo são rosas. E é aqui que a história deixa de ser económica e passa a ser militar. Estabeleceu-se então uma linha vermelha invisível. Quem tentar vender energia fora do Dólar, assina a sua sentença de morte.

Saddam Hussein não foi invadido em 2003 pela existência de armas de destruição maciça. O seu “crime” foi ter começado a vender o petróleo iraquiano em Euros no ano 2000. Kadhafi não foi liquidado apenas por ser um tirano, o seu erro foi ter acumulado ouro suficiente para lançar o Dinar de Ouro, ameaçando retirar o controlo energético de África à banca ocidental.

Mas o que mudou agora? Por que razão sinto que estamos próximos de uma grande crise? Porque o Império cometeu suicídio financeiro. Ao congelarem os 300 mil milhões de dólares de reservas da Rússia em 2022, e ao expulsarem bancos do sistema SWIFT, os EUA quebraram a regra de ouro da banca. A neutralidade.

O sinal enviado a Riade, Pequim e Brasília foi muito claro, *“Se desobedecerem, o vosso dinheiro desaparece”*.

A resposta foi imediata e demolidora, embora a nossa comunicação social insista em ignorá-la. Em 2024 e 2025, os bancos centrais compraram ouro a um ritmo nunca visto desde a Segunda Guerra Mundial. Estão claramente a fugir do dólar.

O projeto mBridge, que liga as moedas digitais da China, Emirados e Tailândia, já permite hoje transações de petróleo sem tocar num único dólar americano.

E o dado mais assustador é que em 2025, pela primeira vez na história, os EUA gastaram mais a pagar os juros da sua dívida do que com o seu próprio orçamento da Defesa.

Meus caros, o Império está tecnicamente falido. Precisa desesperadamente que o mundo continue a usar dólares para financiar a sua dívida de 38 triliões.

É por isso mesmo que a Venezuela é um alvo. Não é pela democracia. É porque Caracas, tal como Moscovo e Teerão, queria vender a maior reserva de petróleo do mundo fora do dólar e, se isso acontecesse, a procura pela moeda americana iria evaporar. A hiperinflação que eles exportaram durante 50 anos voltaria a casa, direitinha para o colo dos americanos.

Esta “inércia” que sentimos não é paz. É o sustar da respiração antes do embate final.

A grande questão para nós, europeus, que estamos atrelados a este barco que mete água, não é quem tem razão moral. É se

estamos preparados para o dia, muito próximo, em que o dinheiro, tal como o conhecemos, vai mudar de dono.

Preparem-se. O Inverno chegou.